
A RELEVÂNCIA DAS CRÔNICAS MACHADIANAS PARA A HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS NO BRASIL

Agnaldo Martino¹

Doutor em Língua Portuguesa (PUC-SP)

RESUMO

Este artigo, na linha de pesquisa da História das Ideias Linguísticas, tem como objetivo compilar as crônicas de Machado de Assis, publicadas em vários jornais do Rio de Janeiro, a fim de destacar a atuação do escritor/cronista como observador dos usos que se faziam – a seu tempo, século XIX – da Língua Portuguesa, tanto na vida cotidiana das pessoas comuns, quanto nos textos literários, nas escolas e nas academias. As citações que Machado faz nas suas crônicas sobre a língua empregada no Brasil equivalem a estudos de usos linguísticos; partindo desse princípio, as crônicas publicadas por ele (entre 1858 e 1900), em vários jornais, ressaltam a visão linguística em voga na segunda metade daquele século. Este trabalho mostra um lado ainda inexplorado do autor; o homem do seu tempo preocupado com a formação de uma nacionalidade brasileira, que se reflete nos costumes e na linguagem.

Palavras-chave: Machado de Assis. Crônica. Jornal. Língua Portuguesa. História das Ideias Linguísticas.

Introdução

Machado de Assis produziu uma obra variada e profícua: escreveu romances, contos, poemas, peças teatrais, críticas literárias e crônicas.

Os romances e contos machadianos revelam os costumes, a organização, a cultura e a língua em uso do Rio de Janeiro no século XIX; já, por meio de suas crônicas, Machado de Assis expressava sua opinião a respeito de diversos temas do dia a dia, que afetavam não só Rio de Janeiro, mas toda a nação brasileira. Ele comentava um pouco de tudo – economia, política, cultura, educação, artes, espetáculos etc. –, e em algumas delas teceu comentários acerca da língua portuguesa.

Muito se tem escrito a respeito da obra de Machado de Assis, várias análises foram feitas a respeito de muitos assuntos, porém esses estudos se baseiam quase todos nos romances ou nos contos produzidos por ele. Existem também trabalhos que se dedicam às crônicas, porém a maioria deles procura apenas estabelecer a sua cronologia e elucidar as citações nelas contidas para que o leitor moderno possa compreendê-las, ou então tratam de assuntos como o humor, o Direito, a Medicina, o negro, a mulher. Este estudo se dedica à língua portuguesa pela visão de nosso autor.

¹ agnaldomartino@gmail.com

Por sempre tratar de assunto do dia a dia, a crônica depende de um conhecimento de época que, hoje, só se obtém com alguma pesquisa. Talvez por isso não seja objeto frequente de análise. Até meados do século passado, as crônicas eram consideradas por muitos estudiosos “gênero menor”. Candido (1992), fazendo um estudo sobre o gênero, começa seu texto afirmando:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. (CANDIDO, 1992, p. 13)

Para logo adiante, afirmar sua real visão sobre a crônica:

Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nela uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas formas mais diretas e também nas formas mais fantásticas [...]. (CANDIDO, 1992, p. 14)

A visão que se tem hodiernamente sobre a crônica é outra: faz parte da literatura tanto quanto um conto, um romance, uma poesia também o fazem.

Para compreender toda a extensão de uma crônica (não apenas as de Machado de Assis, mas toda e qualquer crônica – antiga ou moderna), é necessário entender não só os eventos históricos que foram o contexto delas, mas também ler os jornais, para saber quais os eventos mínimos, os acontecimentos *desimportantes* do dia, e que – de um jeito ou de outro – foram temas para as crônicas.

O objetivo deste trabalho é estudar as ideias linguísticas contidas nas crônicas de Machado de Assis capazes de dar a nós, leitores do século XXI, o entendimento que se tinha da língua portuguesa, seja ela escrita ou falada, na época da produção das crônicas – seguindo, assim, os ensinamentos de Fávero (2005, p. 237): o cronista “está inserido num momento histórico” e por isso, quando escreve, “ele historia não só esse momento como a própria língua”.

A questão da língua reflete-se na cultura de modo geral e, conseqüentemente, nos comentários que os cronistas fazem a respeito de toda essa efervescência social.

Podemos destacar que o século XIX é um marco na institucionalização dos estudos da linguagem, em sua profissionalização: criam-se escolas, materiais de ensino, assim como modos de ensinar. É na segunda metade desse século que se inicia o processo de gramatização do Brasil. Devido ao sentimento nacionalista proveniente da independência, as gramáticas

desenvolvidas nesse período buscavam atender aos programas oficiais de ensino da época, procurando elevar – o quanto possível – a língua nacional.

O conceito de *crônica* ao longo do tempo – e a construção da *crônica machadiana*

O termo “*crônica*” já teve vários sentidos ao longo dos séculos². Derivando do grego *chronos* (tempo), passou para o latim como *chronica*, designando uma resenha de acontecimentos em sua ordem temporal. Era uma referência a qualquer narração sistemática de acontecimentos.

Como a própria etimologia revela, a *crônica* faz parte da história do tempo vivido. É uma escrita do tempo e sobre o tempo, ou seja, além de incorporar o tempo em sua forma estrutural, ela também discorre sobre o tempo, misturando ficção e história.

Para Arrigucci Jr. (1987),

São vários os significados da palavra *crônica*. Todos, porém, implicam a noção de tempo, presente no próprio termo, que procede do grego *chronos*. Um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem que faz dela uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. Mas a *crônica* sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo [...]. trata-se de um relato em permanente relação como tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica vivido – uma definição que se poderia aplicar igualmente ao discurso da História, a que um dia ela deu lugar. Assim, a princípio ela foi *crônica* histórica, como a medieval: uma narração de fatos históricos segundo uma ordem cronológica, conforme dizem os dicionários, e por essa via se tornou uma precursora da historiografia moderna. (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 18)

A *crônica* se desenvolve simultaneamente em vários países. Em Portugal – nação que nos interessa por ter colonizado o Brasil e, nesse processo de colonização, ter trazido a *crônica* para nosso país –, na segunda metade do século XV, a língua portuguesa progredia e se enriquecia com as traduções latinas religiosas ou profanas e, também, com as obras portuguesas dos príncipes da Casa de Avis³. Paralelamente a esse progresso, foi-se desenvolvendo a prosa, cujas raízes vinham de manifestações literárias tradicionais nos séculos XIII e XIV, entre as quais se encontravam as “*Crônicas*”, que eram de gênero narrativo e muito próximas da língua falada.

² O trabalho tem como objeto de estudo a língua portuguesa da segunda metade do século XIX, por isso o percurso que traçaremos da *crônica* se encerrará nesse período, pois não é relevante para o nosso estudo a *crônica* posterior a Machado de Assis.

³ Não se pode perder de vista aqui, o fato de que a *crônica* do século XV é diferente da *crônica* dos dias de Machado de Assis, que ora se estuda.

Nessa linha de tradição, segundo Serrão (1989, p. 9), “surgiu uma historiografia portuguesa”, tendo como precursor Fernão Lopes. Na segunda metade do século XV, Fernão Lopes acumulava as funções de cronista-mor do reino português e de guarda das escrituras do Tombo, ou seja, chefe do arquivo da Coroa. Tal situação obrigava-o a passar certidões dos documentos e permitia-lhe examinar velhos papéis que serviam de base ao seu trabalho. Era assim um escritor e funcionário ao mesmo tempo, cabendo-lhe pôr em crônicas as histórias dos reis. Nesse sentido, podemos dizer que o cronista, como sujeito-autor, também faz parte do discurso, favorecendo que se olhe para sua narrativa e se lhe atribua uma função classificatória, isto é, dizendo-se o nome do autor temos revelado um certo modo de ser do seu discurso (cf. FOUCAULT, 1979).

Após Fernão Lopes, vários cronistas se sucederam, como: Azurara, Damião de Góis, Rui de Pina, Garcia Resende – que escreveram as crônicas das primeira e segunda dinastias dos descobrimentos e conquistas.

Dentre os “descobrimientos”, encontrava-se o Brasil. Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, redigiu a *Carta*, enviada a D. Manuel anunciando a chegada ao Brasil – considerada a certidão de nascimento do país. Essa carta se apresenta como a primeira crônica luso-brasileira. Sá (2007, p. 5) afirma que tal *Carta* se apresenta como o começo da estruturação da crônica em nosso país, e completa dizendo que “O texto de Caminha é a criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes.”

Assim, no que concerne ao Brasil, os primeiros escritos documentam precisamente a instauração do processo de colonização no país, pois, depois da Carta de Caminha, temos várias outras crônicas bastante significativas: *Tratado da Terra do Brasil*, *História da Província de Santa Cruz a que Vulgarmente Chamam Brasil*, de Pero de Magalhães Gândavo (1576); *Tratado Descritivo do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa (1587); *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, de Fernão Cardin (escrita no século XVI e publicada no século seguinte).

Bosi (1976) afirma que

tais escritos não valem apenas como documento, mas também como sugestões temáticas e formais, pois, em vários momentos de reação contra os processos de europeização, intelectuais brasileiros, como José de Alencar, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, procuraram nas raízes da terra e do nativo imagens para se afirmar em face do estrangeiro. (BOSI, 1976, p. 5)

O caráter informativo da crônica permanece até século XVII, observando-se nesse período, manifestações culturais que refletem uma estrutura social, política e econômica do

país-colônia. No entanto, já se percebem cronistas capazes de pensar a realidade brasileira pelo ângulo brasileiro, recriando-a por meio de uma linguagem relativamente livre dos padrões lusitanos.

Após um período bastante significativo na produção de crônicas, abre-se um intervalo, compreendendo os últimos anos do século XVII e os primeiros do século XVIII. No período de 1750 a 1830, voltam a ser produzidas crônicas importantes, como as de Jaboatão, Pedro Taques, Roque Leme, Gaspar da Madre de Deus, Borges da Fonseca, Baltasar Lisboa, Pizarro, Gonçalves dos Santos e Aires de Casal. Dentre esses cronistas, Santa Maria Jaboatão, Pedro Taques e Baltasar Lisboa são apontados pela crítica literária como os mais talentosos e prestigiados.

No século XIX, a palavra crônica mudou do ponto de vista semântico, passando a ser usada com o sentido generalizado em literatura: é um gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo. Vários escritores passaram a escrever em jornais, como Francisco Otaviano, José de Alencar, Melo Moraes, Raul Pompeia e Machado de Assis.

A crônica, além de uma narrativa do cotidiano, apresenta-se como relato de um tempo social. Ela retrata em *flashes* todo o processo de modernização do período e ela própria propaga-se através de um veículo bem ao estilo do tempo: o jornal. A crônica se espelha no modelo parisiense e se difunde sobretudo no Rio de Janeiro, “síntese e microcosmo do Brasil” (NEVES, 1992, p. 84). Neves destaca, ainda, a convergência entre todos os cronistas da época ao retratar o tempo como transformação em direção ao “novo”. Um bonde⁴, por exemplo, poderia ser utilizado como uma alegoria do progresso. Imagem, enfim, de um tempo de mudança, de que Machado de Assis – sem dúvida – foi um dos melhores retratistas.

Na segunda metade do século XIX, o surgimento de vários inventos e inovações tecnológicas (o telégrafo em 1840, o cabo submarino em 1850, a rotativa em 1864, a expansão das linhas férreas de 1828-1850, a linotipo em 1886, o aperfeiçoamento da fotografia em 1897), o crescimento da população urbana, a diminuição do analfabetismo e o desenvolvimento do correio aumentaram sensivelmente a circulação dos jornais. Essas mudanças refletiram-se no conteúdo: se nos séculos XVIII e começo do século XIX a opinião tinha espaço garantido, ela começaria a perder terreno e a ser desvinculada da informação. A separação entre informação e opinião veio a se consolidar no século XX⁵ e, desde então, os

⁴ Em 15 de março de 1877, Machado de Assis escreve sobre o bonde e como ele representa progresso para a cidade.

⁵ Não se pode deixar de lado, num estudo sobre a crônica, *João do Rio*, pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, que – para muitos estudiosos – foi um dos transformadores da crônica do molde clássico (o da narrativa temporal) para um modelo mais próximo do que conhecemos hoje (o da

fatos passam a ser considerados *sagrados* e a opinião é entendida como livre, cabendo ao leitor tirar as próprias conclusões a respeito da notícia dada. Estes princípios são a base da doutrina da objetividade que marcou o fim de uma época na qual a notícia sempre se encontrava salpicada de comentários do autor.

Mas, se esta era uma tendência dos novos tempos modernos, demorou um pouco para que tal estrutura fosse plenamente adotada pelos jornais brasileiros. Assim, escritores como Machado de Assis, José de Alencar, Raul Pompeia, José Veríssimo, entre outros, continuaram fazendo seu jornalismo com um viés literário, no período de transição entre o Segundo Império e o começo da República.

Esta tendência jornalística era profundamente marcada pela crônica, gênero um pouco difuso como podemos constatar seguindo a leitura do artigo de Meyer (1992) a respeito do folhetim. Segundo a autora, imitando o que já acontecia em Paris, sob a rubrica “variedades”, publicavam-se, nas folhas nacionais, matérias traduzidas, resenhas, folhetins literários (o romance-folhetim), crônicas etc. Neste sentido, tanto o conceito de crônica quanto o que ela designa por folhetim é impreciso aqui no Brasil. Segundo ela, a crônica se abrigaria sob a denominação folhetim: “são movediças [...] as fronteiras entre os numerosos escritos abrigados no hospitaleiro folhetim” (MEYER, 1992, p. 127). Depois de traçar todo o percurso do folhetim, Meyer fala dos “outros textos”:

Cães vadios, livres farejadores do cotidiano, batizados com outro nome valeduro: a crônica. Cães sem dono, também, que são na maior parte anônimos ou assinados com iniciais. Envergonhados, quem sabe, de um escrito que não se enquadra propriamente num gênero, que é quase uma fala, coisa de casa, useira e vezeira, literatura de pé-de-chinelo. O que não é pejorativo [...]. (MEYER, 1992, p. 128)

É a sua transformação, no século XIX, que provoca a mudança de denominação, passando a ser chamada *feuilletons* – folhetins: espaço no rodapé de jornais ou revista destinado ao entretenimento. Vale notar que a imprensa, nesse período, é marcada pela influência francesa em todas as suas modalidades. José de Alencar, em *Ao correr da pena*⁶ – 29 de outubro de 1854 –, argumentava que “já que nós macaqueamos dos franceses tudo quanto eles têm de mal, de ridículo e de grotesco, o tão mal famoso folhetim não poderia faltar aqui.”

narrativa memorialista ou ficcional). Mas isso ocorre entre 1900 e 1921 – tempo de sua produção, portanto não discutiremos isso em nosso trabalho.

⁶ Disponível em < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000130.pdf>>, acesso em 27/09/2021.

Machado de Assis, definindo o folhetim em crônica de 30 de outubro de 1859, apresenta as características da crônica tal como entendida hoje:

O folhetim, disse eu em outra parte, e debaixo de outro pseudônimo, o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta última afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação.

O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal.

Efeito estranho é este, assim produzido pela afinidade assinalada entre o jornalista e o folhetinista. Daquele cai sobre este a luz séria e rigorosa, a reflexão calma, a observação profunda. Pelo que toca ao devaneio, à leviandade, está tudo encarnado no folhetinista mesmo; o capital próprio.

O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espanja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence, até mesmo a política. (ASSIS, 2008a, pp. 1022-3)

Segundo Coutinho (1971), com a evolução da imprensa – a sua modernização, o aumento do número de páginas das edições, a adoção de ilustrações –, a crônica aclimata-se aos hábitos da imprensa brasileira. O jornal passa a ter maior espaço, enriquecendo-se de atrativos e, conseqüentemente, provoca a transformação da crônica em matéria diária.

Passando os jornais a publicar uma seção de comentário de assuntos marcantes da semana, a palavra crônica, que indicava relato ou comentário dos fatos, acabou por estender-se à definição da própria seção e do tipo de literatura que nela se produzia. Assim, crônica passou a significar “um gênero literário de prosa, no qual o que menos importa é o assunto” (COUTINHO, 1971, p. 109).

O termo “crônica” generalizou-se como comentário do cotidiano, e o termo “folhetim” passa a designar a seção em que se publicam ficção e outras formas literárias. Isto implica dizer que aquele primordial *feuilletons* foi adaptado para a nossa cultura e nacionalizado, devido “à naturalidade com que se aclimatou aqui e à originalidade com que aqui se desenvolveu” (CANDIDO, 1992, p. 15).

Machado de Assis deixou uma numerosa e interessante bagagem de crônica, na qual se refletem os acontecimentos do mundo e episódios da sociedade. Para garantir a participação direta e movimentada dessa sociedade em suas crônicas, o autor frequentava todos os círculos, nos quais ia colher matéria-prima para os seus escritos: as reuniões da sociedade, o teatro, o parlamento.

Para Fávero (2005),

Fingindo-se descompromissado, o cronista (e, portanto, a crônica), está inserido num momento histórico, imprimindo em seu texto marcas de seu tempo, de sua sociedade, revelando sua ótica de ver e sentir o mundo; e ele historia não só esse momento como a própria língua, instrumento do qual ele se vale. (FÁVERO, 2005, p. 327)

Sobre o trabalho do cronista, Machado de Assis afirma:

Vivemos seis dias a espreitar os sucessos da rua, a ouvir e palpar o sentimento da cidade, para os denunciar, aplaudir ou patear, conforme o nosso humor ou a nossa opinião, e quando nos sentarmos a escrever estas folhas volantes, não o fazemos sem a certeza (ou a esperança!) de que há muitos olhos em cima de nós. Cumpre ter idéias, em primeiro lugar; em segundo lugar expô-las com acerto; vesti-las, ordená-las, e apresentá-las à expectativa pública. A observação há de ser exata, a facécia pertinente e leve; uns tons mais carrancudos, de longe em longe, uma mistura de Geronte e de Scapin, um guisado de moral doméstica e solturas da Rua do Ouvidor... (ASSIS, 2008b, p. 448)

Um aspecto importante inerente à crônica, que deve ser ressaltado, é o emprego da linguagem da atualidade, pois sem isso ela deixaria de refletir o espírito da época. Essa afirmação encontra respaldo nas palavras de Machado de Assis (2008a, p. 1205): “O que se deve exigir de um escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.”

Ainda quanto à questão da linguagem, não podemos nos deixar levar pelo pensamento simplista de que a crônica não tem sua qualidade artística, de Literatura – lembrando Moisés (1970, p. 22), “cada arte se caracteriza por um signo, a saber: [...] *palavra* – Literatura”. Sobre a linguagem da crônica, Sá (2007) afirma:

A aparência de simplicidade, portanto, não quer dizer desconhecimento das artimanhas artísticas. Ela decorre do fato de que a crônica surge primeiro no jornal, herdando a sua precariedade, seu lado efêmero de quem nasce no começo da leitura e morre antes que acabe o dia”. (SÁ, 2007, p. 10)

Esse aspecto da linguagem – aliado ao fato de que a crônica possui uma autonomia (ainda que relativa), uma vez que o cronista age de maneira livre e desembaraçada, revelando sua opinião mesmo que esta esteja em desacordo com a linha ortodoxa do veículo que publica o seu texto – é uma motivação a mais para a sua abordagem neste trabalho, pois ela se impõe com discrição, justamente por causa da sua independência.

Um dos traços estilísticos de Machado de Assis é o hábito de enunciar opiniões ou emitir comentários sobre a linguagem empregada por ele em suas crônicas (e também em seus textos ficcionais). Dotado de apurado senso de percepção linguística, Machado utiliza-se da metalinguagem para tecer reflexões sobre seus meios de expressão, o que equivale a dizer:

sobre questões de língua, de estilo, de autocrítica e, ainda, de interação com seu leitor. Da mesma forma que faz comentários sobre seus meios de expressão, ele também costuma comentar seu processo de composição textual. Assim, o nosso exímio e competente escritor, não apenas faz literatura, mas também ensina a fazê-la.

As crônicas de 1º de novembro 1877, 5 de abril de 1888 e 16 de setembro de 1894 – apresentadas abaixo, respectivamente – são marcadas pelo exercício da metalinguagem:

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *la glace est rompue*; está começada a crônica. (ASSIS, 2008b, p. 385).

Hão de reconhecer que sou bem criado. Podia entrar aqui, chapéu à banda, e ir dizendo o que me parecesse; depois ia-me embora, para voltar na outra semana. Mas não, senhor; chego à porta, e o meu primeiro cuidado é dar-lhe os bons dias. Agora, se o leitor não me disser a mesma coisa, em resposta, é porque é um grande malcriado, um grosseirão de borla e capelo; ficando, todavia, entendido que há leitor e leitor, e que eu, explicando-me com tão nobre franqueza, não me refiro ao leitor, que está agora com este papel na mão, mas ao seu vizinho. Ora bem! (ASSIS, 2008b, p. 801)

Que boas são as semanas pobres! As semanas ricas são ruidosas e enfeitadas, aborrecíveis em suma. Uma semana pobre chega à porta do gabinete, humilde e medrosa:

– Meu caro senhor, eu pouco tenho que lhe dar. Trago as algibeiras vazias; quando muito, tenho aqui esta cabeça quebrada, a cabeça do Matias...

– Mas que quero eu mais, minha amiga? Uma cabeça é um mundo... Matias, que Matias?

– Matias, o leiloeiro que passava ontem pela rua de São José, escorregou e caiu... Foi uma casca de banana.

– Mas há cascas de banana na rua de São José?

– Onde é que não há cascas de bananas? Nem no céu, onde não se come outra fruta, com toda certeza, que é fruta celestial. Mate-me Deus com bananas. Gosto delas cruas, com queijo de Minas, assadas com açúcar, açúcar e canela... Dizem que é muito nutritiva.

Confirmo este parecer, e aí vamos nós, eu e a semana pobre, papel abaixo, falando de mil coisas que se ligam à banana, desde a botânica até a política. Tudo sai da cabeça do Matias. Não há tempo nem espaço, há só eternidade e infinito, que nos levam consigo; vamos pegando aqui de uma flor, ali de uma pedra, uma estrela, um raio, os cabelos da Medusa, as pontas do diabo, micróbios e beijos, todos os beijos que se têm consumido neste mundo, todos os micróbios que nos têm consumido, até que damos por nós no fim do papel. São assim as semanas pobres.

Mas as semanas ricas! Uma semana como esta que ontem acabou, farta de sucessos, de aventuras, de palavras, uma semana em que até o câmbio começou a esticar o pescoço pode ser boa para quem gosta de bulha e de acontecimentos. Para mim que amo o sossego e a paz é a pior de todas as visitas. As semanas ricas exigem várias cerimônias, algum serviço, muitas

cortesias. Demais, são trapalhonas, despejam as algibeiras sem ordem e a gente não sabe por onde lhe pegue, tantas e tais são as coisas que trazem consigo. Não há tempo de fazer estilo com elas, nem abrir a porta à imaginação. Todo ele é pouco para acudir os fatos. (ASSIS, 2008a, pp. 1102-3)

Machado de Assis aproveita-se de algumas oportunidades para discorrer a respeito da origem do gênero, para apresentar a maneira como se deve proceder em tal texto, assim como para caracterizar as estratégias utilizadas na observação e julgamento dos fatos da semana. Ele, com isso, busca compartilhar com o leitor o seu estilo de fazer crônica, apresentando certas particularidades no trato com o público, deixando explícitas suas preferências temáticas, pois nem tudo o que é destaque no noticiário é de seu agrado. Apreende-se da leitura dessas crônicas que, antes de se lançar às discussões sobre os vários temas sociais, foi necessário a ele conhecer o funcionamento do gênero que marcou a expressão jornalística do século XIX: a crônica. Explicando esses meandros, nosso autor pretende mostrar ao leitor os princípios norteadores do ofício dos cronistas.

Machado de Assis inicia a crônica de 1º de novembro de 1877 com uma divagação sobre o surgimento do gênero, conta algo que pode ser, a princípio, trivial e comezinho, mas “em busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um” (SABINO, 1965, p. 174). O cronista procura – com tal ação –, como salienta Moisés (1970, p. 247), “desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia”. Machado parte do princípio de que a crônica começa despretensiosa, como quem não quer nada, para depois abraçar o mundo, por meio de palpites sobre todo e qualquer assunto.

Em 1877, aos 38 anos de idade – já como um autor reconhecido –, ele retoma o painel que havia traçado em 1859, aos vinte anos de idade, sobre o ofício do cronista e de sua liberdade em atuar nos diversos assuntos:

O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar de colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espanja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política. (ASSIS, 2008a, pp. 1022-3)

Trata-se de um retorno às origens, revivendo o que marcou, desde o princípio da carreira, o seu ingresso na discussão sobre o exercício da própria profissão. Pode-se dizer que o cronista, agindo desse modo, conseguiu “atar as duas pontas da vida”, tal como desejou *Bentinho*, personagem da ficção machadiana, ao escrever seu livro de memórias.

As crônicas de Machado de Assis

Machado de Assis é um “historiador do presente” em seu tempo. Assume esse papel ao escrever suas crônicas, que, para nós hoje, são fontes históricas, pois descrevem um período muito importante da história do Brasil: a segunda metade do século XIX, marcada por profundas mudanças sociais.

Machado exerceu regularmente a função de cronista nos mais diversos periódicos fluminenses, por mais de quarenta anos entre 1858 e 1900; escreveu para *O Espelho*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Semana Ilustrada*, *O Futuro*, *Ilustração Brasileira*, *O Cruzeiro* e *Gazeta de Notícias*. Ele produziu mais de 600 crônicas, tratando dos mais variados assuntos.

De acordo com Faria (2008),

Antes de se dedicar mais intensamente à atividade literária que o consagrou, Machado tornou-se conhecido como folhetinista, crítico teatral, crítico literário, comediógrafo, poeta, tradutor – de poemas, peças teatrais e romances – e até mesmo como censor do Conservatório Dramático. Os amigos admiravam a inteligência e o brilho do rapaz pobre que começara como tipógrafo e já na casa dos vinte anos de idade era uma peça-chave no debate cultural do seu tempo, com intervenções corajosas e por vezes contundentes nos textos críticos e nos folhetins que publicava em vários jornais do Rio de Janeiro. (FARIA, 2008, p. 21)

A crítica tradicional da obra machadiana, em sua grande maioria, não se ocupa em estudar as crônicas de Machado de Assis, sob o viés de destacá-lo como um observador crítico da situação linguística do Brasil de sua época. O presente trabalho se faz com o objetivo de dar às crônicas a importância que elas realmente possuem. Para tanto, agrupamos as crônicas pelos periódicos em que foram publicadas e numa sequência cronológica, seguiremos o seguinte percurso⁷:

O Espelho – 1859

Seções Aquarelas – de 11/09/1859 a 30/10/1859
Os imortais – de 18/09/1859 e 25/09/1859

Assinatura Sem assinatura

Diário do Rio de Janeiro – 1861 a 1862 – 1864 a 1865 – 1867

Seções Comentários da Semana – de 1º/11/1861 a 05/05/1862
Ao acaso – de 12/06/1864 a 16/05/1865
Cartas Fluminenses – de 05/03/1867 e 12/03/1867

⁷ Além das crônicas que se listam aqui, há crônicas dispersas, ou seja, aquelas que não se inserem em seções nas quais Machado de Assis escrevia regularmente.

Assinaturas Gil – 1º/11/1861 a 1º/12/1861
M. A. – 16/12/1861 a 24/12/1861 e 1º/04/1862 a 05/05/1862
Job – 05/03/1867 a 12/03/1867

Semana Ilustrada – 1861 a 1864 – 1871 a 1873

Seções Crônicas do Dr. Semana – de 08/12/1861 a 26/06/1864
Badaladas – de 22/10/1871 a 02/02/1873

Assinatura Dr. Semana – 08/12/1861 a 26/06/1864⁸ e de 22/10/1871 a 02/02/1873

O Futuro – 1862 a 1863

Seção Crônicas – de 15/09/1862 a 1º/07/1863

Assinatura Sem assinatura

Ilustração Brasileira – 1876 a 1878

Seções Histórias de quinze dias – de 1º/07/1876 a 1º/01/1878
Histórias de trinta dias – de 02/1878 a 04/1878

Assinatura Manassés – 1º/07/1876 a 04/1878

O Cruzeiro – 1878

Seção Notas Semanais – de 02/06/1878 a 1º/09/1878

Assinatura Eleazar – 02/06/1878 a 1º/09/1878

Gazeta de Notícias – 1883 a 1889 – 1892 a 1897 – 1900

Seções Balas de Estalo – de 02/07/1883 a 22/03/1886
A+B – de 12/09/1886 a 24/10/1886
Gazeta de Holanda – de 1º/11/1886 a 24/02/1888
Bons Dias! – de 05/04/1888 a 29/08/1889
A Semana – de 24/04/1892 a 28/02/1897 e de 04/11/1900 a 11/11/1900

Assinaturas Lélío – 02/07/1883 a 06/11/1885
João das Regras – 12/09/1886 a 24/10/1886
Malvólio – 1º/11/1886 a 24/02/1888
Boas Noites. – 05/04/1888 a 29/08/1889
Sem assinatura⁹ – 24/04/1892 a 11/11/1900

A cada tempo Machado de Assis utilizava um título diferente sob o qual escrevia suas crônicas, as chamadas “seções” dentro dos periódicos – hoje dizemos “colunas”. Ele utilizou *Aquarelas*, *Comentários da Semana*, *Ao acaso*, *Cartas Fluminenses*, *Crônicas do Dr. Semana*, *Badaladas*, *Histórias de Quinze Dias*, *Histórias de Trinta Dias*, *Notas Semanais*, *Balas de Estalo*, *Gazeta de Holanda*, *A+B*, *Bons Dias!* e *A Semana*. Os nomes das colunas nas quais eram publicadas as crônicas são dados importantes para a compreensão do conjunto de crônicas de Machado de Assis.

⁸ Na crônica do dia 15/03/1863, aparece o pseudônimo “Dr. Semanopatha”.

⁹ A seção *A Semana* não era assinada, porém todos sabiam que o autor era Machado de Assis, que a essa época já era um escritor consagrado.

Em *Aquarelas*, Machado usa o disfarce do artista, que utiliza cada cor segundo a tonalidade que pede o assunto tratado. A ideia é fazer um “retrato” da sociedade, assim as tintas podem ser mais carregadas ou mais sutis.

Os *Comentários da Semana* propõem crônicas que, mesmo diante de uma economia verbal e de uma necessidade de se ajustar a um espaço restrito no jornal, possam – dentro da sua leveza e versatilidade – oferecer uma interpretação crítica aos fatos assistidos. Massa (1971) informa-nos que os *Comentários da Semana*

eram uma revista geral de atualidades em que o redator escolhia livremente os seus temas. Como por diversas vezes os comentários de Machado de Assis substituíram o editorial, parece claramente que essas crônicas davam a tendência do jornal. Nestas crônicas, as novidades teatrais e literárias ocupavam espaço reduzido, por haver outras rubricas consagradas a esses assuntos. Pela primeira vez a política absorveu o essencial da atividade do jornalista em que se transformou o jovem escritor Machado de Assis. Entre 1861 e 1862 não se pode de maneira alguma falar de absenteísmo. Era exatamente o contrário. (MASSA, 1971, p. 292)

Com *Ao acaso*, o cronista se aventura na análise de acontecimentos de causa ignorada, ao mesmo tempo que persegue, a esmo, as parcas ocorrências da semana, as miudezas que não ocupam as grandes atenções.

Cartas Fluminenses são crônicas em que se fazem críticas veementes à política brasileira e aos erros dos políticos, oferecendo textos que mais se assemelham a cartas abertas dirigidas à população.

Na seção *Crônicas do Dr. Semana*, o escritor surge como um médico capaz de fazer um diagnóstico da semana, por meio de um exame clínico dos acontecimentos.

O título *Badaladas* é a alusão ao som do badalo (sino), que pode sugerir que Machado de Assis queira fazer “barulho” em suas crônicas, como forma de chamar a atenção dos leitores para os destaques da semana.

Histórias de quinze dias e *Histórias de trinta dias* – nessas duas seções aparece o cronista como aquele que precisa selecionar os assuntos que vão entrar para a História; principalmente em *Histórias de trinta dias*, porquanto, parafraseando o próprio autor numa das crônicas dessa seção, trinta dias é um período muito longo para que ele se lembre de tudo o que aconteceu nesse intervalo.

Notas Semanais representam o momento em que Machado atua como colunista, produzindo pequenas histórias ou compartimentos mesclados de informação e opinião – tudo em uma mesma crônica – daí uma justificativa para a palavra “notas” no título da seção.

Gledson e Granja (2008), fazendo uma introdução ao trabalho de organização dessas crônicas, falam da importância dessa seção para se entender o conjunto da obra de Machado de Assis:

Em meados de 1878, entre 2 de junho e 1º de setembro, Machado de Assis publicou uma série de crônicas n' *O Cruzeiro*, todas sob o pseudônimo de Eleazar. Elas formam uma das mais fascinantes de todas as séries que ele escreveu para os periódicos ao longo de sua carreira – ao mesmo tempo uma das mais difíceis de entender e das mais cruciais para a compreensão de sua trajetória literária. Podemos deduzir isso a partir das datas de publicação – elas encontram-se entre a escrita de *Iaiá Garcia*, concluída em setembro de 1877, e a aparição de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, iniciada na *Revista Brasileira* em março de 1880. Em outras palavras, elas podem oferecer-nos indicações sólidas sobre Machado durante esse período crucial de mudança. Elas figuram entre as mais singulares crônicas de Machado, com trechos que parecem divertida e propositadamente paradoxais, às vezes recontando histórias cujos enredos, se é que podem ser chamados assim, desafiam o senso comum [...]. (GLEDSON; GRANJA, 2008, p. 13)

Balas de estalo nos remete ao princípio semântico de “fazer barulho”, e este título é uma alusão à artilharia, com projetis disparados para todos os lados; as crônicas que aqui se agrupam tendem a produzir estardalhaço ao “mirarem” o objeto da crítica a que se referem. Nessa coluna, revezavam-se vários autores famosos na época, como Capistrano de Abreu, Ferreira de Araújo, Machado de Assis, Valentim Magalhães, entre outros – cada um utilizando um pseudônimo diferente. Em muitas dessas crônicas, um articulista atacava outro, que revidava, como uma guerra com “metralhadoras” atirando suas “balas” a esmo, mas isso – entre eles – era uma brincadeira, uma diversão entre amigos. De Luca (1998) explica esse título e o objetivo da seção:

É preciso lembrar que, quando Ferreira de Araújo, ou Lulu Sênior [seu pseudônimo], resolveu dar início às *Balas de Estalo*, determinou que essas “balas” seriam de artilharia, ou seja, a matéria tratada pelos cronistas deveria ser agressiva, com o intuito de despertar os leitores, criar polêmicas, e o pseudônimo, no caso, serviria como escudo protetor para eventuais retaliações. Prova disso encontramos numa das crônicas assinadas por *João Tesourinha*, na qual vemos um retrato do que foram os primeiros meses: “Temos visto desfilar na fileira dos artilheiros destas *Balas* nomes completamente desconhecidos, e não poucas vezes, propositadamente disfarçados”. Essa postura inicial, de caráter combativo, precisou logo ser modificada pois as respostas às “balas” soaram incontinenti. Diante da reação e da possibilidade de medidas mais drásticas, decidiu-se modificar o tom em favor de algo mais ameno voltado para o jocoso ou mesmo para o irônico e que, no final das contas, poderia surtir os mesmos efeitos da artilharia direta. (DE LUCA, 1998, p. 22)

Gazeta de Holanda apresenta crônicas escritas em forma de poesia, que tinham sempre por epígrafe os versos “Voilà ce que l'on dit de moi / Dans la “Gazette de Hollande”.

O título – e, por óbvio, a forma dos textos nela publicados – faz referência às canções de uma famosa opereta apresentada no Teatro Alcázar – um dos mais famosos e também mal-falados teatros de revista do Rio de Janeiro.

A+B nos mostra uma conversa em que pela troca de informações, se chega a uma ideia, é a soma de elementos ou assuntos a fim de associar notícias que se encontram dispersas.

Bons Dias! é o cumprimento que o cronista faz questão de dar ao leitor, e serve também para estreitar os vínculos, e, ao terminar a crônica com a assinatura “Boas Noites.”, o autor deixa evidente que aquilo que transcorreu foi uma agradável conversa, um bate-papo com os leitores – o que é uma característica do nosso autor, encontrada em quase todas as suas obras. Sobre esta série, escreveu Gledson (2008):

Às vezes são muito divertidas; têm uma percepção muito aguda dos eventos – em si muito importantes – que acompanham; e exploram a relação do cronista com o leitor, ao expandi-la e até subvertê-la, revelando, talvez até mais do que qualquer outra série, as potencialidades do gênero. (GLEDSON, 2008, p. 13)

A *Semana* era publicada sempre aos domingos, por isso o título seria uma referência aos sete dias anteriores, e o autor fazia um balanço das ocorrências para que o leitor iniciasse uma nova semana bem informado. Sobre essa seção, a última produzida pelo cronista Machado de Assis, Sousa (1955, p. 34) conta-nos que Artur Azevedo, em *O álbum*, em janeiro de 1893, diz que “Atualmente escreve Machado de Assis, todos os domingos, na *Gazeta de Notícias*, uns artigos intitulados *A Semana*, que noutro país mais literário que o nosso teriam produzido grande sensação artística.

Nesses periódicos, Machado de Assis publica textos ora sem assinatura, ora assinados com o próprio nome, ora utilizando pseudônimos – *Gil, M. A., Job, Dr. Semana, Manassés, Eleazar, Lelio, Malvólio, João das Regras e Boas Noites*.

O uso de pseudônimos poderia ser explicado de diversas formas: a utilização de um procedimento da ficção em que o autor se esconde atrás de uma *persona*; um disfarce de autoria como proteção do anonimato perante a censura; um gesto de legítima defesa em favor da liberdade da expressão; uma comprovação da natureza autoritária do Império, obrigando a maioria dos cronistas a apelarem para essa estratégia.

Machado de Assis, assim como outros cronistas, talvez utilizasse o pseudônimo em defesa da sua integridade física e moral; pois, como funcionário público, caso expusesse sua identidade, teria grande chance de perder o emprego. O pseudônimo permitiu que Machado,

disfarçadamente, pudesse efetuar suas críticas, sem colocar em risco o seu sustento. Gledson (2006), estudando a série de crônicas machadianas agrupadas sob o título “Bons Dias!”¹⁰, afirma:

É impossível exagerar a importância desse verdadeiro anonimato para a série [Bons Dias]; não se trata apenas de um novo pseudônimo, como parecia acreditar Magalhães Junior. Parece claro que Machado ia dizer algumas coisas duras, mesmo sob uma capa de ironia, e queria poder dizer essas coisas com uma margem extra de liberdade, sem sofrer consequências mais imediatas.” (GLEDSON, 2006, p. 143)

Tal hipótese de defesa para os escritores cronistas tem como parâmetro uma série de episódios em que os opositores do regime oficial foram vitimados pela censura. Magalhães Júnior (1956), conta um episódio que ilustra muito bem esses atentados à liberdade de expressão, ocorridos no Império:

Tavares Bastos, um dos grandes talentos do seu tempo, parlamentar ilustre com a visão de autêntico estadista, fôra despojado de seu emprego na Secretaria da Marinha, como castigo pelas críticas que fizera ao almirante Joaquim Inácio de Barros, mais tarde ao Visconde de Inhaúma, quando era este Ministro da Marinha. Embora amigo pessoal do Imperador, que o recebia em São Cristóvão na intimidade, para com ele discutir em longos serões as traduções das “Fábulas” de La Fontaine, o Barão de Paranapiacaba fôra demitido, em 1886, pelo Barão de Cotegipe, então presidente do Conselho, de seu alto cargo no Ministério da Fazenda – o de diretor do Contencioso –, por ter se manifestado publicamente favorável à abolição da escravatura. E só depois de alcançado esse objetivo, pela lei de 13 de maio de 1888, veio ele a ser readmitido, por interferência direta do Imperador junto a João Alfredo. (MAGALHÃES JR., 1956, p. 6)

Além do objetivo político, cada pseudônimo pode revelar um tipo de assinatura que vai motivar um certo estilo, dependendo das intenções de Machado. As iniciais *M. A.*, por exemplo, podem significar, à primeira vista, as iniciais do nosso escritor; mas, na crônica de 11 de setembro de 1864, o cronista explica que as iniciais significam “muito abelhudo” ou “muito amável”.

Mais algumas linhas, e vou escrever as minhas iniciais.
Que querem dizer estas iniciais? perguntava-se em uma casa esta semana.
Uma senhora, em quem a graça e o espírito realçam as mais belas qualidades do coração, — disse-me um amigo, — respondeu:
— *M. A.* quer dizer — primeiramente, “Muito Abelhudo” — e depois, “Muito Amável”.
O meu amigo acrescentou:

¹⁰ A série “Bons Dias!” escrita sob o pseudônimo “Boas Noites.” foram publicadas pelo jornal *Gazetas de Notícias*, de 5 de abril de 1888 a 29 de agosto de 1889; e somente nos anos 1950 é que se descobriu que eram de autoria de Machado de Assis.

— Alegria-te e comunica isso aos teus leitores. (ASSIS, 2008b, p. 187)

Tais atitudes – “muito abelhudo” e “muito amável”, que nos remetem às ideias de “atreuimento” e “delicadeza” – vão marcar Machado de Assis no conjunto de suas análises, incluindo aí as situações em que ele é atrevido e também delicado ao expor as suas opiniões a respeito dos vários assuntos que comenta. Tomemos, como amostra dessas duas díspares atitudes, as crônicas de 24 de dezembro de 1861 e de 30 de julho de 1893. Na primeira, atreuimento ao comentar a conduta de um jornal da época; na segunda, o cuidado de não ofender os catarinenses ao falar do marasmo social no estado de Santa Catarina:

A propósito, lembro-me de uma gazeta que se publica nesta corte, ao bater das trindades, e que teve a bondade de ocupar-se de passagem com a minha humildade pessoa foi a propósito da apreciação dos meus últimos *Comentários* acerca do Sr. Ministro do Império.

Acha ela que o Sr. Ministro do Império, longe de ser vulgar na tribuna e no gabinete, é uma figura eminentíssima tanto neste como naquela; acredite quem quiser na sinceridade da gazeta de lusco-fusco, eu não; sei bem que ela... ia escrevendo um verbo que ainda não adquiriu direito de cidade; direi por outro modo: sei que ela faz a corte ao Sr. ministro. Está no seu direito; mas agora, querer encaracolar os cabelos de S. Excia. à minha custa, isto é que é um pouco duro. (ASSIS, 2008b, p. 43)

Sem desdenhar dos catarinenses — alguns conheço que honrariam qualquer comunhão social — posso dizer que Santa Catarina não faria falar de si; vivia na mais completa obscuridade. De quando em quando vinha um telegrama do governador Machado; mas que vale, por si mesmo, um telegrama? Santa Catarina não inventava, não criava, não gerava. De repente, anuncia-se dali uma fagulha, uma agitação, um aspecto de guerra; digo de guerra, posto não haja sangue; mas também há guerra sem sangue. Já esta produziu mais do que longos meses de sossego. Se vier sangue, a produção será maior. A vantagem do sangue sobre a água é que esta rega para o presente, e aquele para o presente e futuro. Os estragos do sangue, posto que longos, não são eternos; os seus frutos, porém, entram no celeiro da humanidade. (ASSIS, 2008b, pp. 1002-3)

Uma das preocupações de Machado de Assis, ao escrever as crônicas, é a linguagem que utiliza para fazer os seus comentários. Candido e Castello (1974) argumentam que

A linguagem [de Machado de Assis], sempre adequada a cada gênero, apresenta-se, contudo, com traços frequentes e dominantes que a uniformizam. A palavra, visando ao máximo de precisão, integra uma expressão concisa, inequívoca, que se ajusta à reflexão e à análise, atingindo o perfeito equilíbrio clássico. Não obstante, no subsolo criado, movem-se intactas as ambiguidades e as contradições da alma. (CANDIDO; CASTELLO, 1974, p. 110)

Essa linguagem que nosso autor emprega em suas crônicas aproxima-o do leitor, fazendo com que este se sinta à vontade diante do texto. Machado conversa com o leitor, tratando-o como “amigo” – como na crônica de 24 de março de 1862:

Voltemos, porém, de rumo.

Deixemos de vez essas demências políticas que, por justo título, fazem do nosso país a fábula dos folhetinistas do resto do mundo.

Outra parte nos chama, amigo leitor, a da mocidade estudiosa, trabalhadeira, esperança de melhor futuro. (ASSIS, 2008b, p. 67)

Além dessa intimidade na relação autor/leitor, Machado tem, ainda, o cuidado de facilitar o entendimento de suas crônicas para os que o leem, e procura, com eles, estabelecer um pacto. Pereira (1994, p. 61) comenta que “há uma preocupação estética, uma possibilidade de testar as variantes da informação que chega ao leitor”, e avisa que Machado vai desconstruir o “altar” que separa o escritor (*quem sabe*) do leitor (*quem escuta*), promovendo para esse fim uma relação afetiva e franca entre eles. Na crônica de 4 de agosto de 1878, isso se mostra evidente:

Há ânimos generosos que presumem sermos chegados a um tempo em que a política é obra científica e nada mais, eliminando assim as paixões e os interesses, como quem exclui dois peões do tabuleiro do xadrez. Belo sonho e deliciosa quimera. Que haja uma ciência política, sim; que os fenômenos sociais sejam sujeitos a regras certas e complexas, justo. Mas essa parte há de ser sempre a ocupação de um grupo exclusivo, superior ou alheio aos interesses e às paixões. Estes foram, são e hão de ser os elementos da luta quotidiana, porque são os fatores da existência das sociedades. O contrário, seria supor a possibilidade de convertê-las em academias ou gabinetes de estudo, suprimir a parte sensível do homem, — coisa que, se tem de acontecer, não o será antes de dez séculos.

Vejo que o leitor começa a cabecear. Este período engravatado tem-lhe ares de mestre-escola.

Naturalmente, prefere saber alguma coisa das chapas eleitorais. Dir-lhe-ei somente que os operários de Niterói apresentam uma, declarando no cabeçalho, que é indispensável derrubar os casacas. Havendo, entre os candidatos dessa lista, dois tenentes, dois capitães e um major da guarda nacional, devo concluir que, em geral, ou os majores e capitães não trajam casaca, ou que os escolhidos eliminaram esse vestido. Único modo de explicar o programa dos autores e a presença dos majores. Quanto ao programa em si, parece um pouco fantástico, e é nada menos que naturalíssimo: é o sentimento das aparências. A casaca, por ser casaca, não faz mal nem bem; a culpa ou a virtude é dos corpos, e menos dos corpos que das almas. Tempo houve em que se fez consistir o civismo em uma designação comum: cidadão; ao que acudiu um poeta com muita pertinência e tato:

Appellons-nous messieurs et soyons citoyens. (ASSIS, 2008b, p. 450)

Machado de Assis antecipa, nas crônicas, procedimentos que utilizará mais tarde na confecção de seus romances, juntamente porque a multiplicidade de temas que o gênero

permite, estimulou o exercício da flexibilidade e da invenção no nível da linguagem – principalmente na criação do “narrador irônico ou não confiável” (cf. GRANJA, 2000).

Essa opinião é compartilhada com Schwarz (2000, p. 231), que diz que o caráter “pouco sério” da crônica, “com intuito de recreio” servirá de suporte formal para a ironia que desenvolve em “Memórias Póstumas de Brás Cubas” – obra que representa um marco na carreira do autor.

Conclusão

Gênero híbrido que se posiciona entre o jornalismo e a literatura, a crônica foi utilizada por Machado de Assis como meio para se comunicar com os seus leitores, entre 1858 e 1900. Em seu tempo, não havia muita diferenciação entre a atividade de literato e a de jornalista/cronista. Pode-se dizer que o escritor se encontrava numa fronteira, transportando ideias de um lado para o outro, enriquecendo o cronista com o homem das letras e vice-versa. Para o pesquisador John Gledson (1986, p. 115), “é espantoso como se tem estudado pouco, de maneira mais séria, o jornalismo de Machado”.

Ao longo de sua longa – e profícua – trajetória como cronista, Machado escreveu também sobre a própria atividade, diagnosticando problemas e sugerindo soluções para uma adequada atuação da imprensa.

a discussão do jornal reproduz-se também naquele espírito rude, com a diferença que vai lá achar o terreno preparado. A alma torturada da individualidade ínfima recebe, aceita, absorve sem labor, sem obstáculo aquelas impressões, aquela argumentação de princípios, aquela arguição de fatos. Depois uma reflexão, depois um braço que se ergue, um palácio que se invade, um sistema que cai, um princípio que se levanta, uma reforma que se coroa. (ASSIS, 2008a, p. 1036)

O escritor manifesta-se, por meio dessas crônicas, um entusiasta do progresso que deveria nortear a história das ideias e das ações necessárias ao arranjo moderno do pensamento liberal.

A crônica, por tratar de variedades, coisas do dia a dia, permite ao escritor a liberdade de criar um texto escrito a partir da oralidade. E, para Machado, fazer isso nas crônicas (cf. BRAYNER, 1979, p. 55) foi um “laboratório para os escritos ficcionais”.

O tema de Machado [...] é a língua e o seu uso em situações de cada dia, seja no jornalismo, na propaganda, na política, nas escolas ou na burocracia. Sua postura, talvez surpreendentemente, parece ser a de que a língua deve ser

usada de maneira clara, com o mínimo de floreio. Mais de uma vez, a simplicidade parecer ser o ideal. (GLEDSON; GRANJA, 2008, p. 67)

Machado de Assis, como homem de seu tempo, apropria-se de todas as discussões acerca da língua e as apresenta, em forma de conclusões pessoais, em seus escritos: “Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; como os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum.” (ASSIS, 2008a, p. 1211). Machado, entre outros grandes escritores de seu tempo, representava um modelo de equilíbrio entre tradição e modernidade. Candido (1975), ao citar as dualidades entre um grupo mais moderno e outro mais conservador – em relação à língua –, esclarece:

Se fosse possível estabelecer uma lei de evolução da nossa vida espiritual, poderíamos talvez dizer que toda ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo manifestada pelos modos mais diversos. Ora a afirmação premeditada e por vezes violenta do nacionalismo literário, com veleidades de criar até uma língua diversa; ora o declarado conformismo, a imitação consciente dos padrões europeus. Isto se dá no plano dos programas, porque no plano psicológico profundo, que rege com maior eficácia a produção das obras, vemos quase sempre um âmbito menor de oscilação, definindo afastamento mais reduzido entre os dois extremos. E para além da intenção ostensiva, a obra resulta num compromisso mais ou menos feliz da expressão com o padrão universal. O que temos realizado de mais perfeito como obra e como personalidade literária (um Gonçalves Dias, um Machado de Assis, um Joaquim Nabuco, um Mário de Andrade), representa os momentos de equilíbrio ideal entre as duas tendências. (CANDIDO, 1975, pp. 109-10)

Por ser considerado um escritor clássico em termos de linguagem, por muitos dos estudiosos de seus textos, o uso da coloquialidade, para Machado, pode parecer um paradoxo. Todavia, não podemos nos esquecer das palavras de Candido (1975, p. 110), ao afirmar que Machado de Assis “representa os momentos de equilíbrio ideal entre as duas tendências”, ou seja, entre o clássico e o coloquial.

A representação das ideias linguísticas de sua época faz com que a linguagem dos textos de Machado seja escurreita, concisa e, ao mesmo tempo, expressiva – apresentado, de modo geral, frases curtas com predomínio da ordem direta, vocabulário de língua corrente e uso da oralidade (brasileirismos, coloquialismos e conversas com o leitor). Como lembra Ferreira (2007, p. 8): “Difícil encontrar-se a perfeição da língua aliada à elegância sóbria do estilo. Machado representa, entre nós, o exemplo feliz dessa conciliação.”

Referências

- ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ASSIS, Machado de. *Obra Completa, em quatro volumes – V.3*. Organização: Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecilio, Heloisa Jahn. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008a.
- ASSIS, Machado de. *Obra Completa, em quatro volumes – V.4*. Organização: Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecilio, Heloisa Jahn. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008b.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1976.
- BRAYNER, Sonia. “O laboratório ficcional”. In: *Labirinto do espaço romanesco: tradição e renovação da literatura brasileira, 1880-1920*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: do romantismo ao simbolismo*. Tomo II. 5.ed. São Paulo: Difel, 1974.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006. Colégio, 1950.
- COSERIU, Eugenio. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- COSTA, Suely Gomes. *Metáforas do tempo e do espaço doméstico: Rio de Janeiro, século XIX*. Niterói: UFF, 1996. [Tese de Doutorado]
- COUTINHO, Afranio. *Machado de Assis na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.
- COUTINHO, Afranio. *A literatura no Brasil*. 2.ed. Vol. VI. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1971.
- DE LUCA, Heloísa Helena Paiva. *Balas de Estalo: Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 1998.
- FARIA, João Roberto. Machado de Assis e o teatro de seu tempo. In: FARIA, João Roberto (Org.). *Machado de Assis: do Teatro – textos críticos e escritos diversos*. São Paulo: Perspectiva, 2008. – (Coleção textos; 23)

FÁVERO, Leonor Lopes. A crônica em Lima Barreto: dialogismo fala/escrita. In: PRETI, Dino (Org.) *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2005

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Linguagem e estilo de Machado de Assis, Eça de Queirós e Simões Lopes Neto*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis: ensaio*. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

GLEDSON, John. *Bons Dias!: Machado de Assis*. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

GLEDSON, John; GRANJA, Lúcia. *Notas Semanais: Machado de Assis*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis, escritor em formação (à roda dos jornais)*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2000.

MAGALHÃES JR., Raimundo. Prefácio. In: MACHADO DE ASSIS. *Diálogo e reflexões de um relojoeiro: escritos de 1886, de 1888 a 1889, recolhidos da "Gazeta de Notícias"*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis, de variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1970.

PEREIRA, Wellington. Machado de Assis: discurso moderno em crônicas de Fin-de-Siècle; As idéias de época nas crônicas de Machado de Assis. In: *Crônica: arte do útil e do fútil?* João Pessoa: Idéia, 1994.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Editora Ática, 2007.

SABINO, Fernando. Última crônica. In: *A companheira de viagem*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. 4.ed. São Paulo: Duas Cidades/34, 2000.

SERRÃO, Joel (Org.). *Dicionário da História de Portugal*. Porto: Figueirinhas. 1989

SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

THE RELEVANCE OF MACHADIAN CHRONICLES TO THE HISTORY OF LINGUISTIC IDEAS IN BRAZIL

ABSTRACT

This article, in the research line of the History of Linguistic Ideas, intends to compile Machado de Assis' chronicles, published in several newspapers of Rio de Janeiro, to highlight the writer/chronicler acting as an observer of the uses – at his age, the XIX century – of Portuguese Language, both in ordinary people daily life, and in literary texts, at schools and academies. The quotations made by Machado de Assis in his writings about the language used in Brazil is equivalent to studies about Linguistics usages; under this assumption, his chronicles published (between 1858 and 1900) stands out the fashionable linguistic sight in the second half of that century. This research shows a still unexplored side of the author; the man of his time concerned with the formation of a Brazilian nationality, which is reflected in customs and language.

Keywords: Machado de Assis. Chronicle. Newspaper. Portuguese Language. History of Linguistic Ideas

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO (ISSN 2316-3267)